

VISÃO ESTÉTICA DO ESPETÁCULO DE PALHAÇARIA “A MISSÃO”

LETÍCIA CONTER DA CUNHA¹; GUSTAVO ANGELO DIAS²

¹Teatro – Licenciatura / UFPel – ticiaconter@gmail.com

²Teatro – Licenciatura / UFPel – gustavodiasufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre a estética de um espetáculo teatral é uma missão difícil, pois nos deparamos com inúmeros, e importantes, aspectos que podem ser abordados. Compreendendo que uma análise estética de um espetáculo passa por questões como a construção de uma obra artística, seus objetivos e relações com o público, o enfoque que faremos é sobre o espetáculo teatral de palhaçaria intitulado *A Missão*, de uma companhia teatral da cidade de Osório, litoral rio-grandense, fundada em meados de 2017, com o nome *Cia. de Teatro YesPlim*.

A oportunidade de conhecer os atores da companhia ocorreu no *3º Festival Internacional de Teatro - Cena Livre*, em Uruguaiana, e no *19º Festival Internacional de Teatro Rosário em Cena*, em Rosário do Sul, ambas no RS, ocasiões em que pude assistir ao ensaio de marcações de palco, ao espetáculo e conversar com os atores. Por tratar-se de uma companhia do interior riograndense, o grande público certamente não terá a oportunidade de assistír. No entanto, ao analisarmos algumas características estéticas deste espetáculo, entendemos que é possível inferir para outros que contam com palhaços em sua atuação.

O objetivo deste trabalho foi de buscar conhecer, e entender, parte da formação de um clown, bem como, buscar saber o que está por trás daquilo que o palhaço apresenta ao público, entender o ator/clown, através da análise estética do espetáculo de clowns *A Missão*.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada consistiu em elaborar um questionário com perguntas referentes aos clowns e ao espetáculo intitulado *A Missão*. Como uma forma de se adequar à atual situação pandêmica provocada pela Covid-19, que impõe isolamento social, estas perguntas foram feitas via online, em diversos momentos, aos dois atores em separado, Henrique Guedes (palhaço Splift) e Eraldo Juninho (palhaço Costela), este que também é o diretor e autor do texto, consistindo, portanto, em diversas conversas informais. Parte das informações obtidas nestas conversas serviu de material para a construção deste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fruto de pesquisas e muito amor, nasceram os palhaços Costela e Splift, estrelas de um espetáculo que, sem o uso de palavras, fala muito sobre amizade, coragem e felicidade. Na peça, Splift e Costela trabalham em um museu e colocam a essência dos palhaços em perigo ao libertarem, sem querer, o vilão Censura. Para solucionar a situação, muitas trapalhadas acontecem com essa dupla.

Quando questionado sobre o processo de criação do palhaço Costela e como surgiu seu interesse pelo clown, Eraldo comentou que, anteriormente, só tinha feito palhaço no início da sua carreira, em escolas, no estilo “só colocar o nariz”, pois não tinha conhecimento de como essa atitude é desrespeitosa para com

os artistas da palhaçaria. Ao ser convidado para um trabalho com idosos, decidiu criar um palhaço, porém, de produção bem básica, maquiagem simples, nariz e chapéu. E, desta forma, ele fez muitas intervenções, sem pré-construção. O personagem não tinha nome, não tinha nada, surgiu galanteador, com flores, tirando as pessoas para dançar, veio como um palhaço que confortava as pessoas, que brincava com sutileza. A partir de então, ele buscou conhecer, entender sobre palhaços, e para isso foi pesquisar. Os dois atores participaram de uma oficina de clown com o professor Gilbert Diniz, em uma imersão de dois dias. “Foi quando surgiu meu clown” explica Eraldo, sendo “aventureiro, galanteador, sempre organizando tudo, montando estratégias dentro do convívio com os outros palhaços. Surgiu sendo menos Augusto e mais Branco” (JUNINHO, 2020).

Dentro da tradição de palhaçaria, o Branco e o Augusto são duas personalidades diferentes de palhaços. O Branco consiste no palhaço mais mandão, racional, esperto, relacionado ao rico, a aristocracia. Por outro lado, o Augusto é submisso, emotivo, sonhador, e costuma ser relacionado ao pobre. O Branco é como uma escada para que o Augusto faça as gags, técnicas clássicas dos palhaços para provocar o riso.

Henrique Guedez, por sua vez, contou que seu palhaço, Splift, surgiu em 2006, em Milão, na Itália, como uma brincadeira entre amigos. Na época era um palhaço simples, sem muitos detalhes, maquiagem branca e nariz vermelho. No Rio de Janeiro, esse mesmo palhaço foi assistente de palco, no programa *Em Fá Maior*. Mas foi em 2019, na imersão com Gilbert Diniz, que seu palhaço foi aperfeiçoado. Quanto a personalidade de Splift, comentou “O nariz não encobre, ele bota pra fora.” E definiu seu palhaço como carismático, brincalhão, carinhoso e ninja, por suas performances de luta no palco (GUEDES, 2020).

A dramaturgia surgiu quase no mesmo momento do nascimento desses palhaços. Durante a imersão, Eraldo teve um momento de inspiração enquanto o professor Gilbert Diniz explicava sobre a simbologia do nariz do palhaço, “menor máscara do mundo”. O nariz é parte da essência do palhaço, por isso não deve ser retirado na frente do público, porque essa seria a sua tristeza. O nariz é parte da alegria desse mestre do riso, e isso foi evidenciado durante o curso: “a gente brincava com e sem o nariz e percebia que com o nariz tinha uma conexão maior dentro da construção de clown.” Eraldo então conversou com o professor sobre sua vontade de escrever um texto sobre a simbologia do nariz, uma história em que roubam o nariz do palhaço e ele perde sua alegria, e tenha que buscá-la em seu coração. Um dia depois Eraldo escreveu *A Missão*. Mas o autor conta que houve adaptações com o tempo, principalmente relacionadas ao vilão da história, que já foi um ser sem nome, mas depois passou a atender por “Censura”. Eraldo comenta que no primeiro momento não aceitou o nome, por não querer levar para o lado político, mas mudou de ideia: “Deixei essa censura pro pessoal construí-la, assistindo a peça. Uns levam pro lado político, outros levam pra censura que sofrem em casa, na escola, enfim, no dia a dia.” A escolha do museu como ambiente onde ocorrem as cenas é para lembrarem de criar uma relação com a censura da arte. Assim cresceu o espetáculo, na sua forma dramatúrgica (JUNINHO, 2020).

Apesar de existir um roteiro de ações, Splift e Costela não falam nossa língua. Ao invés disso, utilizam o “gramelô”, técnica de conversação improvisada, sem sentido definido, criada no período da *commedia dell'arte*.

Quanto à relação com o público, há uma diferença entre o trabalho da dupla de palhaços Splift e Costela e o espetáculo *A Missão*. Muitas vezes os palhaços vão brincar com as crianças na sala de aula, na escola, nos parques, em eventos, e, trabalham com um público amplo, desde a criancinha bem pequena até o idoso, ou seja, não tem faixa etária para os palhaços Splift e Costela. Enquanto para o

espetáculo *A Missão*, alguns ítems do cenário e personagens podem causar apreensão em crianças muito pequenas, por isso, preferencialmente, o espetáculo é apresentado para maiores de sete anos de idade. *A Missão* é adaptado para palco italiano¹, embora os palhaços surpreendam o público ao iniciar a peça surgindo do fundo do teatro, brincando e fazendo esse primeiro caloroso contato. As intervenções das crianças fazem parte da trama, com os tradicionais risos e avisos como “Olha ali!” “Cuidado!”. Durante o espetáculo, uma gravação com dizeres de crianças que assistiram a peça é usada pelos palhaços como uma motivação para seguir sua missão (JUNINHO, 2020).

Já Splift e Costela, quando fora do palco, têm uma relação diferente com o público: “O Costela é mais na dele, quando chega num lugar, não chega agitando, bagunçando, é raro. Quem faz bagunça, gritaria é o Splift.” Eraldo explica que isso faz parte da construção de ambos como Branco e Augusto, duas personalidades de clown. “Quem pensa tudo, organiza, dança, mas nada muito maluco, é o Costela, quem brinca e faz besteira é o Splift, ele é muito mais engraçado, mas esta é a ideia. O Costela não tenta fazer palhaçada para agradar, não força piada, mas as crianças se identificam com ele, porque nem todas gostam da brincadeira pela brincadeira”, então, de uma forma ou de outra, a dupla de clowns Splift e Costela agrada a qualquer público (JUNINHO, 2020).

Quando os atores foram questionados sobre as relações do espetáculo e dos palhaços com a sociedade, Eraldo disse acreditar que ele, como artista, tem obrigação de passar uma mensagem ao público, que todos os trabalhos que participa ou desenvolve, sempre vê como uma ferramenta de formação, tanto social, quanto de opinião, de reivindicação. Alguma coisa tem que causar, provocar no público, seja um protesto, um questionamento, etc. Com o Splift e o Costela não é diferente, eles têm essa ideia de formação na questão pedagógica, trazer para a criança o lúdico do palhaço, e, também, procurar o máximo possível, transmitir ensinamentos, tais como a questão de escovar os dentes, de tomar banho, da alimentação saudável, sorrir, abraçar, o respeito, o afeto (JUNINHO, 2020).

Na relação com o público, o palhaço Splift é muito brincalhão. Muitas crianças entram nessa brincadeira, geralmente as mais extrovertidas. Aquelas introvertidas ficam a cargo do palhaço Costela, pois este tem um sentido de herói, que no espetáculo fica bem evidente. A criança que está mais quieta, menos participativa, é a que o Costela quer trazer para a brincadeira. Enquanto algumas crianças estão brincando alucinadas com o Splift, Costela procura a que está mais triste, a que não quer brincar. Ele tenta trazer, envolver as crianças e também os adultos que querem ficar de fora. Eraldo comenta como é interessante ver essa relação nas escolas, pois as crianças que mais incomodam os professores são as que o Costela conquista e traz pra amizade (JUNINHO, 2020).

Eraldo explica que o palhaço Costela é muito inteligente, ele consegue conversar com as crianças sobre assuntos muito contemporâneos. O Costela estuda muito esse universo contemporâneo das crianças, que está sempre muito presente nas performances. É comum a dupla chegar a lugares em que as crianças pedem, por exemplo, “Faz a maquiagem do Super-Man”, e o Costela faz, pois ele conhece praticamente todos os heróis. O Splift e Costela tem uma ideia de formação pedagógica, trazer para a criança o universo do palhaço, do lúdico. Costela brinca muito de maquiar as crianças para todas elas virarem um personagem. Ele tem o “baú mágico”, e dali de dentro sai o personagem que você

1 O palco italiano é a disposição de palco que coloca os atores e o público frente a frente, criando uma separação que muitos artistas buscam romper para colocar-se mais em contato com o público, como no espetáculo *A Missão*.

quer ser, assim, ele pinta as crianças como fadas, borboletas, super heróis, e traz a imaginação da criança à vida. Costela é envolvido com as tecnologias, pesquisa coisas na hora com as crianças, está sempre fazendo “selfies” e “boomerangs”. As fotos que aparecem nas redes sociais da dupla são, em sua maioria, feitas pelo Costela (JUNINHO, 2020).

Em contraponto com o lado tecnológico da dupla, está a relação com a cultura gaúcha. Splift e Costela, como uma forma de brincar com o público, criaram a “Chula do Palhaços”. A chula é uma dança que o Rio Grande do Sul herdou dos tropeiros, que durante suas viagens, para a diversão, faziam competições de sapateado em volta de uma lança; a versão dos palhaços tem as mesmas regras, mas com uma liberdade bem maior. Eraldo explica que quando estavam fazendo a abertura do show do cantor gaúcho Neto Fagundes, no SESC Tramandaí, eles deveriam circular pelo evento brincando com o público. Mas em certo momento do evento, a coordenadora do SESC os chamou e perguntou se eles podiam fazer algo no palco. Juninho conta que sem ter nada preparado, aceitou o desafio, “Eu peguei o microfone, subi no palco, o Guedez também foi. Comecei a fazer umas brincadeiras básicas com as crianças. E como estava o Neto Fagundes, o Costela criou na hora, com uma vassoura no chão, a chula dos palhaços.”. O homem que controlava o caminhão de som colocou a música base da chula para tocar, e em pouco tempo Splift e Costela conquistaram a todos. Logo depois Ernesto Fagundes, gaiteiro, pegou sua gaita para tocar a chula, e Neto Fagundes foi olhar o que estava prendendo a atenção da sua plateia. E assim, de improviso, surgiu essa performance, que agora, se tornou uma das brincadeiras mais amadas pelo público, que entre adultos e crianças, fazem sua participação na dança da “Chula dos Palhaços” (JUNINHO, 2020).

Sobre a questão tradicionalista, Eraldo Juninho comenta que nas turnês da dupla com o caminhão do SESC, eles tocam muitas músicas gaúchas. Isso porque gosta muito de levar a tradição, as raízes, para que as crianças tenham a oportunidade de conhecer a cultura do lugar onde vivem. “Acho que nós temos que propagar coisas boas e nossa música é boa.” comenta Eraldo, “É legal a criançada ter esse contato, diversificar” (JUNINHO, 2020).

4. CONCLUSÕES

Ao chegar à conclusão deste trabalho, me deparo com uma importante questão: Qual é, no final das contas, a missão de *A Missão*?

Não apenas a missão seguida pelos dois palhaços no espetáculo - combater a censura e retomar a felicidade do palhaço – que já trás um ensinamento tão grande para a vida de cada expectador, dependendo da vivência e do entendimento de cada um. Mas, além disso, qual a missão que Splift e Costela tem com as pessoas que cativam?

Ao longo das conversas que tive com o elenco, pude aprender muito sobre a importância e a necessidade da arte. Esse trabalho de palhaçaria, para a *Companhia YesPlim*, é uma forma de levar o espírito livre e puro do palhaço para a vida do público, de proporcionar um espaço de imaginação e de brincar, independentemente da idade, da classe social, da cor, crença, ou gênero de cada pessoa. Acredito que a missão seja essa: transformar com amor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JUNINHO, Eraldo. Comunicação pessoal, via virtual, julho de 2020.
GUEDEZ, Henrique. Comunicação pessoal, via virtual, julho de 2020.